

ONGs criticam critérios para financiar ensino

Bird e BID aumentam repasses, mas, segundo entidades, também impõem modelo

educação

Deise Leobot
de Brasília

Preocupados com o crescimento dos investimentos de organismos financeiros multilaterais na área social, organizações não-governamentais do Brasil e do Exterior estão defendendo uma reavaliação do modelo de participação dos bancos internacionais em projetos voltados ao setor educacional.

Segundo dados do Banco Mundial, fornecidos pela Ação Educativa — entidade nacional voltada para a educação e acompanhamento de ações de bancos internacionais —, as tendências de empréstimo do Bird para a educação cresceram 13,7% nos últimos 30 anos, em relação ao total de recursos captados.

Entre os programas financiados pelo banco no País estão o Projeto Nordeste, de melhorias na rede física e pedagógica em escolas da região, e o Fundescola, que prevê investimentos de US\$ 1,3 bilhão no ensino fundamental em 19 estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Já o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) possui uma disponibilidade de US\$ 2,5 bilhões para aplicar em projetos educacionais em cinco anos. Desse total, pelo menos US\$ 1 bilhão deverão ser usados pelo Ministério da Educação (MEC) na expansão do ensino médio e profissionalizante.

O secretário-executivo da Ação

Educativa, Sérgio Haddad, destaca o fato dos recursos externos, negociados através de projetos, serem quase sempre acompanhados de documentos de ação do banco para o setor. “Essa ‘cartilha’ de sugestões costuma ser embasada em uma ‘visão economicista’ para o setor”, diz.

“A grande maioria dos projetos é elaborada por economistas, vinculados a uma idéia de custo-benefício e reforma do estado que acaba sendo refletida nos projetos educacionais”.

Com isso, de acordo com Haddad, valores como cidadania e participação política perdem espaço para a economia”.

O professor diz que não é contrário à utilização de financiamentos externos para a educação, mas sugere um debate maior com a comunidade. “Queremos uma maior discussão dos projetos e um maior controle social do que está sendo feito por esses bancos”, disse Haddad.

A diretora da Globalization Challenge Initiative (GCI), Ong internacional voltada para a fiscalização de ações de organismos multilaterais, Nancy Alexander, defende uma postura mais radical em relação aos investimentos externos no setor de Educação. Para ela, os governos de países emergentes, entre eles o Bra-

sil, deveriam abolir a participação de capital externo na elaboração e execução de projetos educacionais. “Os países em desenvolvimento deveriam deixar esses recursos de organismos internacionais para financiar obras de infra-estrutura física, mas não educação”, disse.

Para ela, os bancos não estão preparados para investir no setor.

**O BID tem disponíveis
US\$ 2,5 bilhões
para aplicar
em projetos
educacionais
durante cinco anos**

“Os sistemas de avaliação de projetos dos bancos, por exemplo, são falhos e muitas vezes sequer se dão conta até mesmo de problemas sistêmicos”, disse a diretora, lembrando que o Banco Mundial tem um compromisso de 10 anos com o Brasil para financiar projetos educacionais.

Alexander sugere que governo Federal e os estados fiquem atentos para o crescimento dos empréstimos para a área de educação no mundo. “O banco está dobrando os empréstimos para a educação e quadru-

plicando na educação básica. “Se uma companhia estivesse colocando no mercado o dobro de produtos de um ano para o outro certamente você ficaria muito atento aos interesses desse grupo empresarial”, disse.

Segundo o Banco Mundial, a decisão da instituição de destinar parte dos seus recursos para a área social, em especial a educação, não está num contexto isolado. Além de recursos, o banco fornece conhecimento técnico e apresenta experiências bem-sucedidas em outros países aos tomadores de empréstimos.

No ano passado o Bird organizou uma série de visitas a países da Ásia e Oceânia, a pedido de secretários estaduais de educação do Brasil. Nesses países, os secretários conheceram programas e modelos de educação com bons resultados. Quanto à visão economicista, o Bird informou que um dos interesses da instituição em investir na educação é decorrente do fato de que melhorias no setor são fundamentais para a redução da pobreza, segundo indicam estudos feitos pelo banco.